

UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA EXEMPLAR, NO ENLACE ENTRE A PESQUISA E O OBJETO POPULAR DA TELENÓVELA

UNA TRAYECTORIA ACADÉMICA EJEMPLAR, EN EL ENLACE ENTRE LA INVESTIGACIÓN Y EL OBJETO POPULAR DE LA TELENÓVELA

AN EXEMPLARY ACADEMIC CAREER, IN THE UNION BETWEEN RESEARCH AND THE POPULAR OBJECT OF THE SOAP OPERA

■ Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo; mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo; pós-doutorado na Universidade de Florença, Itália. Atualmente é professora titular da Escola de Comunicações e Artes da USP. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Epistemologia da Comunicação, Teoria da Comunicação e Metodologia da Pesquisa em Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: campo da comunicação, recepção da comunicação, ficção televisiva, metodologia da comunicação. Foi coordenadora do

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Coordena o Centro de Estudos de Telenovela da USP e o Centro de Estudos do Campo da Comunicação da USP. Criadora e coordenadora da rede de pesquisa internacional OBITEL-Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva e da rede de pesquisa OBITEL-Brasil. Foi representante da área de Comunicação no CNPq (2004-2007). Membro do Conselho Curador da INTERCOM como ex-presidente da entidade. Presidente da IBERCOM - Associação Ibero-Americana de Comunicação (2012-2015). Membro de conselho editorial de periódicos nacionais e internacionais. Diretora de MATRIZES, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da USP. Publicou artigos e livros no país e no exterior em suas especialidades. É pesquisadora 1A do CNPq.

■ E-mail: immaco@usp.br



■ Por Alberto Efendy Maldonado

Cientista Social na área de Comunicação. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação UNISINOS (doutorado e mestrado, 2000-2012). Orientador de doutorado. Pós-doutor em Comunicação na Universidade Autônoma de Barcelona (2004-2005). Doutor em Ciências da Comunicação (USP) 1999.

■ Por Richard Romancini

Coordenador do curso Mídias na Educação-SP (NCE/USP-UFPE), professor do curso de especialização em Educomunicação (CCA-ECA/USP), pesquisador do Centro de Estudos do Campo da Comunicação (CECOM) da ECA/USP, e doutor em Ciências da Comunicação (USP).

■ Transcrição: Maytê Ramos Pires

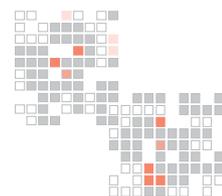
Estudante de Comunicação Social habilitação em Jornalismo da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). É bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa “Coletivos culturais e espaço público midiático: configurações de usos, apropriações e produções de mídias em associações e grupos étnicos,” vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos.

Você diz em seu memorial para o concurso de professora titular que se autodenominar “metodóloga” parece pedante ou um pouco limitador, já que possui outros interesses de pesquisa. No entanto, em sua trajetória intelectual, investigativa e acadêmica O Método, ocupa, de fato, um lugar central. Como ele se apresentou na sua vida? Foi algo que tomou forma na universidade? Houve antecedentes importantes em épocas anteriores?

Essa é uma pergunta muito interessante porque eu posso até datá-la. Fazia o curso de Ciências Sociais, e era o curso onde tinha as grandes estrelas, alguns já tinham sido afastados, como por exemplo, o Fernando Henrique, mas continuava o Ianni, o Florestan, o Luiz Pereira, essas pessoas

eram verdadeiros ídolos, e ter aula com eles foi um privilégio. É como hoje, também o pessoal da Filosofia, para os que têm aula da Graduação com a Marilena Chauí, por exemplo, certo? Então era mais ou menos a mesma coisa. O início foi um trabalho sobre método na disciplina de Métodos e Técnicas do professor Octavio Ianni, e a gente na atividade morrendo de medo do trabalho final. Aí o trabalho final era fazer uma análise metodológica sobre o trabalho de algum sociólogo. O professor organizou e orientou e isso me deu aquela coisa, era a primeira vez, então... *Kardecismo e Umbanda*, de Cândido Procópio foi aquele que eu escolhi, porque tinha um trabalho de campo a respeito da questão da adesão a religiões; e incluía análises de um *continuum* que vinha

do espiritismo branco, quer dizer de mesa, até a umbanda, que é um outro tipo, e isso me chamou inclusive muita atenção porque envolvia a questão de classes etc. E eu fiz a análise, que era uma análise da metodologia usada pelo professor Cândido Procópio e esse livro já era um livro assim, bastante referenciado e tal... Acontece que quando viu a análise, na sua avaliação, o professor falou que era o melhor trabalho que ele já tinha lido sobre metodologia. Claro que era um exagero e ele disse que não ia me dar dez, me deu 9.5, por alguma coisa que tinha a ver com a apresentação mesmo do texto. E todo mundo dizia que o Ianni não fazia, não costumava fazer isso e que, portanto, devia ter sido um trabalho realmente excelente, e coisa e tal. E aquilo realmente me



Então, qual era a minha questão aí? Eu fiz uma pesquisa e novamente eu me maravilhei muito com as estratégias metodológicas.

marcou profundamente, porque aí vem um pouco dessa questão do reconhecimento, e de um trabalho que eu fiz com muito prazer, e veio essa questão realmente assim do método, da análise interna de um trabalho científico. Quer dizer, era uma desconstrução, como depois eu viria a falar. E, e aí a partir disso, eu dava aula de Estudos Sociais, alguma coisa de Sociologia, mas acho que aí veio vindo na minha concepção este olhar, que é um olhar estrutural, vamos dizer assim. Quer dizer, fazer uma análise, e até hoje isso, fazer uma análise de teses e dissertações, mesmo que não me perguntem, eu vou direto assim para o método, aquilo que sustenta tal edifício, que a pessoa escolhe fazer, escolhe construir. Então eu acho que vem disso sim, mas eu continuo achando que não sou metodóloga, mas tenho uma preferência por uma leitura metodológica sim.

Você pode sintetizar o processo de configuração da sua concepção metodológica? Quais são os pilares da sua proposta?

Os pilares estão mostrados em

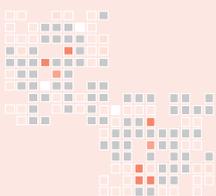
alguns textos, que se eu tivesse condições eu retomaria pra desenvolver agora, mas eu acho que está sim naquele livro de *Pesquisa em Comunicação*. Que afinal de contas é nada mais do que uma proposta de operações, não é? Do eixo vertical, do horizontal e dos níveis e das fases, dando uma concepção, vamos dizer assim, integrada, de passos, de procedimentos e enfim, eu acho que nesse livro... Nessa visão gráfica, penso que está sim a minha proposta de metodologia que deve, vamos dizer assim, ancorar o trabalho científico.

Mas quanto ao processo dessa proposta, como é que ela foi maturando, que autores foram importantes, como é que se deu isso?

Olha, sabe que essa é a minha tese de doutorado, mas a minha tese de doutorado, e aí eu realmente vou dizer assim: teve... eu não acho que seja uma descontinuidade exatamente, porque o meu trabalho de mestrado foi *O rádio dos pobres*, com pesquisa empírica, de fazer com método, sem dúvida alguma que a referência é Florestan Fernandes; dele era absolutamente

a questão do nível interpretativo, não apenas descritivo, o que é a observação; aquilo ali realmente está na minha formação. E fazer um trabalho de recepção de rádio, e a recepção tem essa questão propriamente do popular, não é? Nessa pesquisa exatamente eu fui recortar qual era a mensagem popular de rádio, tal como hoje eu falo da mensagem da telenovela. É a mesma coisa pra mim, é o mesmo, é o mesmo público, é aquela interação, se trata de um texto popular. A cultura popular era a temática que eu queria trabalhar em televisão, desde o mestrado. Porém, fui convencida pela professora Ruth Cardoso, que foi minha professora, a mudar de mídia, ela dizia que não podia ir para a televisão sem passar antes pelo rádio se queria mesmo trabalhar a questão popular massiva (depois chamado popular massivo) deveria começar pelo rádio.

Então, qual era a minha questão aí? Eu fiz uma pesquisa e novamente eu me maravilhei muito com as estratégias metodológicas. A questão que para mim nunca foi formal, nunca eu levei isso para o lado formal, pelo contrário. Eu



Então no meu doutorado, eu pensei em fazer
uma análise interna das teses e
dissertações no Brasil sobre cultura popular.

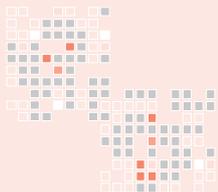
penso que a vida e o entusiasmo, vamos dizer assim, que uma pesquisa traz é exatamente isso, que não se fala. Mas o como aquilo se fala, e esse *como* pra mim tem a ver com a estratégia metodológica do autor, o que ele resolveu fazer, isto, aquilo sempre me encantou desde o início, ainda me encanta. Então no meu doutorado, eu pensei em fazer uma análise interna das teses e dissertações no Brasil sobre cultura popular. Ora, mas evidentemente que isso era um momento que eu não tinha condições nem de ter uma tese da PUC São Paulo, imagina pensar em alguma coisa que tinha sido defendida na Bahia ou lá no Nordeste. Quer dizer, ao recortar eu acabei ficando com um *corpus* que era apenas da ECA, e esse eu já vinha trabalhando, inclusive na Intercom, fazendo aquele trabalho de levantamento de teses e dissertações, para saber para onde estava indo a pesquisa. Então tudo, vamos dizer assim, no fundo estava se integrando, nesses meus interesses. Mas eu quero dizer que então para o doutorado eu fiz uma análise metodológica e acho que foram umas 24 ou 25 teses e

dissertações, o *corpus* era 24 ou 25 pesquisas defendidas. Mas aí depois começou realmente um problema muito sério de exposição, de método de exposição, e, à medida que foi andando, acabou concluindo. Não apresentei as 24 teses des-
construídas, mas o método que eu tinha inventado, quero dizer, que eu tinha armado para a leitura das pesquisas, que era um método de leitura, de desconstrução. Então, aí é que está a origem dessa proposta. Tanto que quem lê todos os capítulos desse livro acho que é o terceiro, me parece, ou o quarto, faz referência ao que era a disciplina de *Metodologia da Pesquisa* no Programa de Pós-Graduação. E foi exatamente através disso que eu pude fazer o levantamento das teses, enfim, sempre com esse objetivo de qualificar a pesquisa não é, e que me levou a isso. Portanto, ao invés de apresentar as desconstruções, eu apresentei na tese de doutorado o método de leitura dessas teses.

Na FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP) ainda na Maria Antônia, você concluiu a graduação num ano

significativo, em 1968. De que maneira, o ethos acadêmico/científico da FFLCH favoreceu a formação da pesquisadora focada em problemas epistemológicos concretos da produção de pesquisa?

Tudo a ver, tudo a ver. Não só exatamente o símbolo do ano 1968, tem a ver alguma coisa em nível internacional de uma rebeldia, de rebeldia de estudantes etc. E que, eu tive um tipo de formação que eu fiz em quatro anos, certinho, com notas, nunca repeti. Quando eu tinha algumade final de curso que ficava em volta da nota sete pra mim era uma desgraça. Porque eu entrei em 3º lugar no curso de Ciências Sociais e eu venho, portanto, a minha trajetória anterior não era, eu não fiz um cursinho daqueles que se esperava etc., dos bons preparos. Então, aquilo foi uma vitória, sou a primeira pessoa dentro da minha família que conseguiu ir para Ensino Superior... E, portanto, eu levei não apenas a sério, aquilo realmente me marcou muito, profundamente. Quando a gente fala de formação universitária, é claro que eu estava embevecida por fazer



Quer dizer, o que o planejamento podia fazer para o país?
Então era isso aí mesmo, eu queria ser uma socióloga trabalhando
em planejamento, para o desenvolvimento.

Ciências Sociais porque era o curso que então era mais procurado, e era daquela coisa de formar um sociólogo para a mudança do país.

Eu nunca pensei em dar aula, a minha opção foi a sociologia, porque você tinha muitas optativas e tinha, por exemplo, sociologia da cultura, uma linha que ia mais para antropologia, e eu escolhi a sociologia mais dura, que era a *sociologia do desenvolvimento*.

Falava-se muito de desenvolvimento, a SUDENE com o Celso Furtado, que era o grande ídolo.

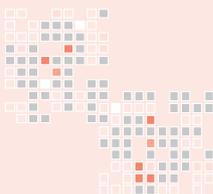
Quer dizer, o que o planejamento podia fazer para o país? Então era isso aí mesmo, eu queria ser uma socióloga trabalhando em planejamento, para o desenvolvimento.

Orientei-me então para isso, é claro que era a cadeira do Florestan. Você veja, os discípulos que ele tinha formado eram o Octavio Ianni, o Fernando Henrique, o José de Souza Martins, o Luiz Pereira. Inclusive como questão de educação, da periferia, Então, era Maria Alice Foracchi, quer dizer, era todo um conjunto. E o Florestan teve isso, teve esse mérito, ele colocou cada um deles a trabalhar

o planejamento; outro, o desenvolvimento; outra, a educação, outra... Então era uma coisa, outra, a cidade; outra, a urbanização; outra, a formação da classe operária, que era ABC, etc. E, inclusive, disputadíssima porque eles trabalhavam, é um Centro de Estudos de Sociologia Industrial do Trabalho, CESIT, que ficava fora inclusive da FFLCH, fora da Maria Antônia, lá era uma casa onde então era uma espécie de CEBRAP, tá certo? Era coisa do CEBRAP, onde recebia dinheiro vindo de editais para fazer pesquisas empíricas. Então, era assim: não queremos receber nada, a gente só queria fazer parte do projeto pra aplicar, para trabalhar, etc. E foi numa dessas também que eu trabalhei, inclusive em pesquisa de campo, com a Ruth Cardoso. E o que tem isso a ver com o ethos? O ethos era a mudança e que através do resultado de um estudo você podia colocar em andamento a mudança. Então o estudo era a formação, depois eu acabei indo para a docência e não propriamente para o trabalho na sociologia, em Secretarias de Estado, nos

Ministérios, exatamente, claro que era para políticas públicas. Assunto de políticas de Ministérios e, portanto, políticas de governo, e... ah sim, é importante explicitar, a minha formação é marxista. Quer dizer, esse é outro componente.

Quer dizer, era mesmo, hoje acho que está havendo produções do próprio Gianotti, novamente a questão da dialética, era uma orientação fundada no marxismo. Então toda essa discussão era de base marxista, foi uma coisa que eu nunca perdi, a base era marxista, mas era aberta a diálogos, e diálogos críticos etc. O problema no fundo era: como você, a partir de um trabalho que era sobre os *Parceiros do Rio Bonito*, fazia uma análise marxista dos *Parceiros do Rio Bonito* com tudo aquilo que não ia para o marxismo no sentido de uma infraestrutura, mas para o cotidiano, como o Antonio Cândido colocava nos *Parceiros do Rio Bonito*. Como é que entra a superestrutura? Como é que você vai trabalhar com autores que não são marxistas? Quer dizer, a grande coisa era essa, era a grande discussão sempre que podia, e



Era preciso interpretar, se apropriar, partir de. E aí você vai continuando, não só dando vida a essa categoria, que, sem dúvida alguma, tem que andar, não é?

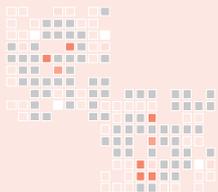
até hoje quando alguém, apesar de dizer que as narrativas caíram e, enfim, você faz uma reunião de autores onde está tudo, você acha que eles podem estar juntos, muitas vezes por causa disso que a coisa emperra, porque não dá, não dá, não dá pra colocá-los juntos. Então, no fundo, era um pouco isso. Não era para você cair, como eu digo, no democratismo teórico-metodológico ou epistemológico. A questão da percepção do outro, das outras correntes, mas a partir de um lugar de onde você olha e não, para você colocar uma colcha de retalhos, qualquer um, não. Ele é do momento ou ele está chamando atenção para uma coisa que não se chama, entende? Era preciso interpretar, se apropriar, partir de. E aí você vai continuando, não só dando vida a essa categoria, que, sem dúvida alguma, tem que andar, não é? Se não cai em uma ortodoxia, em uma doutrina, não é? Chama-me muito a atenção até hoje: “Ai, eu não leio tal autor porque ele é pós-moderno”. Mas o que é isso? Pelo contrário, porque ele se diz alguém do pós-moderno eu

quero saber o que é que ele está falando, não é? Então, é um pouco esta questão da, vamos dizer assim, de marcar distância de uma filiação ortodoxa ou cega, isso já vinha dessa formação e olha que era muito complicado, mas vinha desses professores com os quais eu me formei, e que me levaram a perceber muitas coisas. Mas a questão é basicamente essa, foi um ethos de *mudança*.

Eu fico muito surpreso ao você dizer que não queria dar aula, pois você é reconhecida como professora muito inspiradora, muito vibrante. Eu pergunto o que tem a ver a FFLCH com isso, teve algum professor que foi uma influência, que lhe abriu essa ideia de ser também uma formadora de outros pesquisadores?

Olha, nesse sentido eu acho que não, porque até dessa possibilidade de dar aula eu tinha medo! Quer dizer, eles me colocavam aquela questão, porque um pouco dessa coisa do pedestal, que você um pouco mistifica, aquela pessoa que estava lá na frente e misturava inteligência, perspicácia, admi-

ração, porque todos eles eram autores. Eles eram professores, mas eles tinham livros, certo? Eles indicavam e a gente ia ler e “baah, mas como isto? Aquilo?” Quer dizer, era uma época acho que de ouro e depois disso eu tenho a impressão que isso tudo, digamos assim, decaiu. Esqueci-me de falar do Gabriel Cohn, mas o Gabriel Cohn estava começando a dar aula. Ele foi meu professor, ele era auxiliar, mas o Gabriel esteve ali na minha trajetória, ele me introduziu na Comunicação, que depois se der a gente pode falar. Mas voltando aí, foi uma questão olha absolutamente assim de necessidade de trabalhar. Então, eu estava atrás de trabalho, e é claro que eu estava vendo, mas nunca tinha dado aula na vida. Porque em escola particular, evidentemente, o secundário é flexível, não era um dia inteiro de trabalho e ainda é assim, as Ciências Sociais trabalham vespertino e noturno, eu não queria sair do vespertino, entende? Então, se eu fosse trabalhar tendo oito horas, isso daí tinha que mudar. Tanto que eu fiz o concurso para um banco, quer dizer, um



Mas eu gostava porque realmente
os alunos não eram de classe média, nem eram
de classe alta, era baixa classe média.

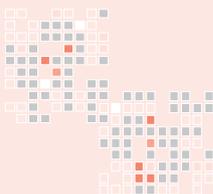
concurso, uma entrevista e tal, e tinha deixado alguma coisa assim como um currículo em algumas escolas. A questão parece de destino (risos), chegaram dois pedidos: “venha dar aula, gostamos do seu currículo etc.”, se eu podia dar aula de História, de Estudos Sociais ou de Sociologia e outro “venha para o Banco”. E no fim de semana eu tive que escolher. E aí o quê que foi? O que pesou aí de fato foi isso, foi a importância do curso, e como é que o trabalho podia ser conciliado ou não com o curso em primeiro lugar, e foi isso. Então eu fui assim para docência não assim pelo sentido, sabe? Pelo contrário, você não se imagina para dar aula, eu ficava dez dias preparando, entendeu? Para dizer o como das coisas e tudo, e depois chegava lá e ninguém entendia nada. Quer dizer, imagina que eu comecei dando aula e fiz muita coisa e gostei muito, quer dizer, era aquela coisa, escola particular, mas era uma história de comércio, escola de contabilidade, onde quem estudava lá tinha mais idade do que eu. E eu chegando lá com um discurso marxista, eu fui mandada

embora, mas com um discurso crítico, entendeu? Querendo fazer cineclube. Fim de semana, vamos passar isso, isso e isso. Porque eu achava maravilhoso, vamos assistir o *Rocco e seus irmãos*, vamos assistir *Os Companheiros*, e eles vinham. E aí eu tive um colega, o Sílvio, que fizemos o curso de Ciências Sociais juntos, ele era um apaixonado disso então, íamos lá os dois para quem viesse, sábado à tarde etc. Era uma vitória, porque alguém que estava lá para ser contador, entendeu? E sem desprezar. Mas eu gostava porque realmente os alunos não eram de classe média, nem eram de classe alta, era baixa classe média, entendeu? Isso foi uma coisa que também depois eu fui dando aula, dei aula no vocacional, mas era o vocacional noturno, onde eles só, vocacional noturno aqui do Brooklin era feito só para alunos que trabalhavam durante o dia. E tanto que eles, a única refeição que eles faziam era à noite no colégio vocacional e o jantar, o jantar era uma atividade pedagógica, todos os professores tinham que jantar com os alunos. Esse foi outra experiência, com os

vocacionais. E eu tive a oportunidade também de fazer um concurso, passar, e fui...

E é nesse momento que você se descobre docente?

Pois é, parece que foi um processo. Aí eu comecei a ver que gostava, me empenhava muito, achava também que tinha uma missão, sempre aquela coisa, aquela missão, porque era época de ditadura, sabe? Tudo levava ao fechamento do conhecimento, uma redução exatamente da inteligência, da coisa que tem que ser pelo contrário. Quer dizer, enquanto você está estudando, quer abrir e não fechar, era um ambiente realmente de muita vigilância e de muita pressão. Mas eu me vi, com o tempo, gostando daquilo que eu fazia, até depois eu fiz um concurso pra me tornar professora efetiva no Estado, para não ficar dando aula em escola particular. Todo mundo que fazia Ciências Sociais dizia “ah, vamos fazer concurso público, porque pelo menos aí a gente tem emprego garantido, não podemos ser mandados embora”, porque a gente tinha um conjunto de pes-



Então a questão da família migrante eu senti,
porque eu vim muito pequena, e eu
não senti muito essa diferença cultural.

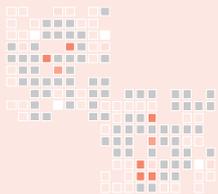
soas que viviam sendo demitidas, por motivos ideológicos.

Você falou já de Os companheiros, Rocco e seus irmãos, isso tem muito a ver com a sua condição de migrante, e como é que foi o contexto da vida numa cidade como São Paulo, com uma miscigenação cultural intensa, nesses anos 1950, esses processos vitais familiares, políticos, emotivos. Como isso participou na sua estruturação como uma investigadora?

Bom, primeiro eu tive a grande força dada pelo meu pai que ele queria que a filha estudasse até a faculdade. E mostrei que podia fazer isso me tornando bolsista, eu consegui a bolsa da escola na qual estudava e aí eu não pagava e também inclusive recebia os livros. Era uma bolsa boa, assim levei tanto o Ginásio como o Colegial. Eu fiz Secretariado, onde depois eu fui dar aula, voltei a dar aula. Então a questão da família migrante eu senti, porque eu vim muito pequena, e eu não senti muito essa diferença cultural, como os meus irmãos que já estavam mais velhos na Itália e que tiveram que come-

çar a fazer aqui, foi uma continuidade. Eu já comecei, eu acredito que eu já comecei até realfabetizada. Eu fui, eu era já alfabetizada, mas eu fui realfabetizada no grupo escolar e entrei inclusive com menos idade do que se podia entrar, exatamente porque eu estava mais avançada. Então, essa parte, vamos dizer assim, foi extremamente harmoniosa, tranquila, dentro da minha família, no sentido do apoio que eu tinha para estar me formando. Mas logo depois, quando eu falei que eu precisava trabalhar, entende? Foi quando eu terminei o Secundário, então eu precisava participar do orçamento da família, das entradas da família. E aí a coisa interessante, falando em termos de cultura, nesse momento, inclusive pra mim, era um momento de aculturação, onde, vamos dizer assim, o passado que eu tinha na Itália não só era pequeno, como também não tinha muita importância. Era mais aquilo que eu estava fazendo no momento, conquistando uma meta. É que na comunidade lauritana, que tem origem na cidade de Laurito, na Bela Vista, eu fui uma pessoa,

uma criança, que logo despertou admiração, sabe por quê? Porque eu tinha perdido o sotaque italiano. Uma coisa interessante, não é? Quer dizer que como eu falava português perfeitamente, você nem parece ser italiana, era coisa de admiração, porque no fundo isso era um indicador não só que eu estava sendo aceita, como eu também estava entrando nas coisas, eu estava me adaptando, e era tudo que esses italianos queriam, através do trabalho, encontrar um lugar onde eles pudessem ser aceitos, eles pudessem não ter obstáculos, não pudesse ter preconceitos, e então eu percebia isto não é? Agora, a questão da minha italianidade eu acho que veio ao longo do tempo, quanto mais brasileira eu me tornava, tanto mais vinha a questão de eu ser italiana. O fato, por exemplo, de não ter parado de falar italiano, e o italiano um dialeto, que era o dialeto da minha região. Continuei falando italiano sem ir pra escola nem nada, mas porque eu queria, eu lia revistas, lia jornais que tinha em casa, que eram jornais e revistas italianos. Ou seja,



Como que não precisava ser esquecida uma coisa,
colocada de lado, para assumir outra, mas que podia conviver e,
pelo contrário, até enriquecer uma com a outra.

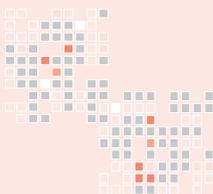
dessa questão, então, aí eu comecei a ter recursos intelectuais para pensar essa interculturalidade, entendeu? Como que não precisava ser esquecida uma coisa, colocada de lado, para assumir outra, mas que podia conviver e, pelo contrário, até enriquecer uma com a outra. Então, aí eu penso que a questão da sociologia me ajudou demais. As coisas que eu mais ouvi são exatamente a questão do cardécismo e umbanda, você podia ver que eram duas religiões, e o que eu mais gostava era dos estudos sobre as cidades norte-americanas, um pouquinho naquela linha da Escola de Chicago, entendeu? Do homem marginal que era aquele que trabalhavam Thomas e Znaniecki, das cartas de poloneses, para os seus familiares nos Estados Unidos. Esses eram livros que me marcaram demais em termos de formação, mas havia um porquê, que ainda não percebia bem, não é? Mas era dessa questão exatamente do confronto sempre de duas culturas, de realidades, de famílias, de duas... A minha família próxima: pai, mãe e irmã, já... Meu pai já tinha vindo antes,

então quer dizer, já foi aquela coisa de algo que faltou na minha infância, meu pai não estava presente, mas eu tive casos dentro da minha família dramáticos, e mesmo de se saber que alguém migrava e depois esquecia a família que estava lá. Constituíam aqui uma outra família, ou seja, desaparecia, a relação. Então eram tragédias, que eu acompanhei inclusive, em parentes, impressionante, o quê que fez a imigração italiana, em termos das famílias, em termos dos deslocamentos, de tragédias mesmo, tragédias familiares.

Como entrou a Comunicação na sua vida? Foi o campo acadêmico? As concepções filosóficas? As práticas sociais? A produção midiática brasileira? Que encruzilhadas, circunstâncias e decisões tornaram possíveis a sua opção pela comunicação?

Eu acho que duas coisas vão se misturar muito, é uma visão que agora eu tenho e como eu sentia aquilo ali. Então, isso foi bom, de ter vindo à ECA (*Escola de Comunicações e Artes*) USP que, apesar de ter muitos elitismos em certos

setores, realmente aqui dizendo assim, que hoje eu diria: eu fui formada pelo cinema norte-americano, os meus primeiros ídolos, certo? Foram ídolos, foram atores, atrizes, do cinema norte-americano. Eu tinha muitos álbuns de figurinhas dos atores e atrizes, de como se faz com os jogadores, e coisa assim. Mas isso daí eu neguei muito tempo porque como marxista (risos) eu convivía, mas era alguma coisa, uma contradição enorme porque ao mesmo tempo que eu descobria Visconti, Antonioni, o japonês, o... Kurosawa, quer dizer, tudo, quer dizer (risos) e, ao mesmo tempo, eu gostava dessas coisas de Hollywood, entendeu? Mas era algo assim que eu sabia que tinha em mim, isso depois continuou com a televisão. E o que era a televisão dentro da casa de paulistanos, de *status*... O pessoal entrava aquilo ali, com os filmes, com as séries norte-americanas que..., portanto, quando eu digo na minha cabeça dessa coisa da cultura eu entendo perfeitamente como o estilo de vida norte-americano, essa ideologia, passava através desses... Mas eu



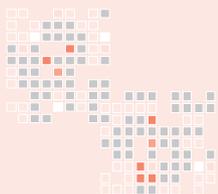
Mas então acho que as minhas aulas deviam ser doutrinações a respeito de como os seriados, como os filmes, como os jornais e revistas alienavam.

sabia fazer a crítica, mas eu gostava (risos). E até assumir isso, que gostava, foi muito tempo. Mas aí como é que entrou o Gabriel. O Gabriel Cohn foi meu professor de Sociologia da Comunicação, que se tornou dentro daquele conjunto de disciplinas que eu fazia algo importante. No programa entrava a Sociologia da Comunicação de Massa que era compreendida através de Adorno, da Escola de Frankfurt, crítica à cultura de massa, à sociedade de massa. Então eu fui apresentada a uma bibliografia que era crítica à cultura de massa, ou seja, Frankfurt puro, e achei assim maravilhoso porque aí na... dando aula, imagina que eu mandava dizer, eu tinha *E o vento levou*, você vê que até é uma clássica, mas vamos dizer hoje, não vai ver um 007. Nunca. Vamos ver *Rocco e seus irmãos*. Ou seja, era essa coisa do cinema de arte, do cinema crítico. Mas então acho que as minhas aulas deviam ser doutrinações a respeito de como os seriados, como os filmes, como os jornais e revistas alienavam. Essas minhas aulas eram concorridíssimas, da crítica

da comunicação. “Professora, nós nunca tínhamos pensado...”; “Mas pensem, pensem...”; quer dizer, fetichismo (risos), pois é, isso era muito sério naquela época, era uma coisa importante. Eu devo dizer que essa questão minha não estava resolvida, mas foi a partir dos estudos na ECA que estruturei meu ponto de vista. Como se voltar para fazer um trabalho sobre o Sílvio Santos para dizer que ele era a lata do lixo da televisão brasileira, eu não ia me voltar pra isso se eu achasse que era a lata do lixo, entende? Que era o lixo. Aí que a coisa começou, que tem um pouco a ver com uma reflexão do Jesús Martín-Barbero, dizendo exatamente que quando você resiste ou desqualifica determinados produtos não são eles que você está desqualificando, ou que você está criticando. Você está, digamos assim, dizendo que eles não valem nada, mas inclui aqueles que gostam desses produtos. Ou seja, aí está a coisa absolutamente que é do preconceito de classe contra os produtos populares. Agora não estamos falando de qualidade, porque quando você entra nessa

coisa, que também é supercomplicada abordar hoje. Eu estou trabalhando o que é qualidade na ficção televisiva? O que é qualidade? Mas o que eu quero dizer é que fico com o despeito para esses programas, e não era daquele sentido simplesmente de fora, aquilo ali era alienação pura, aquilo ali era a morte do espírito, qualquer coisa do tipo.

E, portanto, penso que eu fiz bem, porque eu estava fazendo um trabalho de estudo, de pesquisa, e que eu tinha que ter sempre um respeito com relação ao objeto e aí eu comecei, e aí já então a coisa era descobrir os latino-americanos, descobri, evidentemente, Jesús Martín-Barbero, mas toda uma linha que vinha pela análise da cultura popular e que, claro, era de Birmingham, e como lá no fundamento do Birmingham, dos fundadores de Birmingham, eram marxistas. Mas isso eu já tinha nesse trabalho de mestrado, que então foi mesmo sobre rádio, comunicação de massa, ideologia, marginalidade, social, tinha a palavra ideologia, que eu trabalhava, mas trabalhava através de Verón



Eu acho que os primeiros autores latino-americanos que eu li foram sociólogos, que depois eu também não abandonei.

e, portanto, era alguma coisa que eu gostei de ter feito, esse tipo de trabalho, porque eu consegui mesclar várias coisas. Então, era de um lado uma coisa tão forte teoricamente, mas por outro lado, entrar na casa das pessoas para ouvir, como que elas ouviam rádio. Então eu tive que entrar com essa coisa do popular, do que era propriamente o popular, o popular vivido, o popular sentido, ou seja, o próprio cotidiano que do que pouco se falava, só se pensava em estrutura. Mas um aspecto que também até hoje, depois com o avançar dos processos disse que cotidiano sem estrutura não é nada e estrutura sem cotidiano também, entendeu? Tinha que dar conta dessas duas coisas: das construções de uma estrutura, de uma organização social e, da vida que é vivida, e é inventada, e é criada, e que tem valor, e que modifica as coisas. Então, esse foi a questão da comunicação foi meio assim.

E, agora, como é que eu vim chegar na ECA é outra coisa, porque a minha coisa era, estou falando do mestrado, que já é na ECA, e essa coisa de quando eu

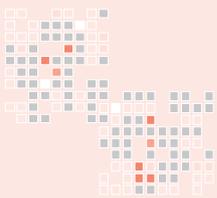
dava aula de Sociologia sempre colocava a questão da opinião pública, a questão dos meios de comunicação na ditadura, era todo esse enfoque, vamos dizer assim, Frankfurtiano que me foi apresentado pelo Gabriel Cohn.

Você acabou de falar dos autores latino-americanos, e é uma introdutora deles na pesquisa em Comunicação no Brasil. Como se configurou sua paixão pela América Latina, seus teóricos e pensadores? Que significados têm essa Nossa América para seu pensamento?

É, eu penso que isso daí realmente foi... Quem observa essa atenção minha pela América Latina. Eu acho que os primeiros autores latino-americanos que eu li foram sociólogos, que depois eu também não abandonei. No meu mestrado, apesar de estar na comunicação, eu usei Aníbal Quijano, usei José Nun, um é argentino, e o outro peruano. Eu tive uma disciplina chamada Sociologia da América Latina com o Ianni, e ele era uma pessoa que trazia muita literatura latino-americana

na sociologia, então, como que começou aí. Claro, era o momento, olhar para a América Latina era diferente de olhar pro Brasil, entendeu? Os mesmos problemas de periferia, de colônia, ter sofrido colonialismo, ou seja, é uma questão ideológica, é uma questão política, é uma questão propriamente latino-americana.

Mas eu não tinha descoberto ainda bem, quando eu fiz o meu mestrado, autores de comunicação, tanto que você pode ver eles são muito mais sociólogos... O grande autor latino-americano que eu usei no mestrado foi o Eliseo Verón. Aquele Verón que estava na Argentina e que era estruturalista, tanto na linguística, quanto como cientista social. Então aí misturava com Lévi-Strauss, que foi muito útil pra trabalhar o discurso, todo esse aporte dele, que muito contemporaneamente estava sendo introduzido no Brasil pelo próprio Gabriel Cohn. Mas quem o usou foi Sergio Miceli, no livro dele *A noite da madrinha*, ele vai dizer que vai usá-lo porque ele não entendia muito o que era televisão, a linguagem de



Os trabalhos do Armand Mattelart e aqui mesmo essa linha, se a gente observar aí a Intercom, isso da comunicação alternativa, isso é extremamente importante.

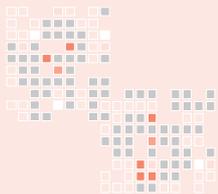
televisão, por isso usou o modelo de análise do Verón. Inclusive, Verón era um crítico da sociologia brasileira porque só via infraestrutura, marcava muito essa coisa que, enfim, eram conflitos de escolas; mas, que marxismo é esse, que ele criticava, o chamado ortodoxo? Verón envolvia outras problemáticas e, portanto, eu gostei daí eu comecei a analisar, estudei muito Verón, li muito Verón e tal. Uma coisa interessante é que nessa época, quando eu estava terminando o curso de Ciências Sociais, o Ianni disse “faça um estágio no exterior. Se você quiser eu penso que você podia fazer alguma coisa na América Latina”. Com o Quijano, que tinha estudo do desenvolvimento, ou então na Itália, ele não sabia que eu era italiana, “fazer um estudo sobre Gramsci lá que é fundamental” (risos). E Gramsci eu não tinha, não entrou na minha dissertação de mestrado, eram outros referentes, nos autores marxistas. Depois foi através da apropriação de Gramsci para estudar as culturas populares. Foi nos estudos mesmo que eu comecei, mas sem dúvida

alguma eu acho que no fundo é essa minha disposição, que é uma disposição de vida, de posição política, de existência, de vida e de existência, com o popular, porque eu me considero dessa classe, do intelectual urbano, como tem tanta gente, não vai negar, e fazendo essa reflexão, como eu fiz, que você começou falando, eu fiz um memorial. De onde eu venho, como foi toda essa coisa, etc. Então, a questão dos latino-americanos foi muito mediada, mas aí eu descobri, nesse momento, que era na América Latina, por exemplo, havia a experiência do Allende, é onde está a questão. Os trabalhos do Armand Mattelart e aqui mesmo essa linha, se a gente observar aí a Intercom- Sociedade de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, isso da comunicação alternativa, isso é extremamente importante. Aí entra a Intercom que, de fato, por chamar essas pessoas para concretamente estar aqui em congressos ou em seminários, foi importantíssima a entrada desses autores que nunca ninguém aqui tinha convidado, os mexicanos, a gente convidou o Jorge Gonzá-

lez nessa época, estou falando já de anos 1980, o Raúl Fuentes, o Guillermo Orozco. Jesús Martín-Barbero já vinha da Colômbia, porque aí já havia a ALAIC- Asociación latinoamericana de Investigadores de la Comunicación e aí então a coisa ficou, em termos de relações, aquilo que você lia foi solidificado por amizade, pelo afeto mesmo que a gente desenvolveu entre nós. Antes de falar “olha, antes de pesquisador, é meu amigo”, entendeu? E, portanto, vamos dizer assim, entre o mestrado e o doutorado tem toda essa descoberta, propriamente dos estudos culturais e dos estudos de cultura latino-americanos e, portanto, aquilo que eu passei a me interessar, pesquisar e ensinar.

Você fala em afeto, é obviamente interessante que esse afeto vai dar energia a todos à pesquisa, a criar infraestrutura para as trocas desse diálogo e você teve um papel muito importante nisso, e como você vê o atual momento de diálogo nosso com a América Latina e outros países?

Olha, eu vejo sempre com muito



Então o meu trajeto foi entrar pela FFLCH e chegar na ECA,
onde eu encontrei o meu lugar, onde eu encontrei
as coisas que eu queria pesquisar.

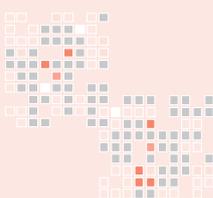
entusiasmo, no sentido de impulsionar essas pontes, quer dizer, que elas não podem parar. A área e os nossos estudos são de uma zona da periferia, quando você está ali, trabalhando e querendo desenvolver mais, as trocas com essas pessoas, com esses estudos, são fortalecedoras. Não que eu queira segregar, pelo contrário, mas você trabalha com eles e também com os ingleses, franceses, alemães e tudo mais, para colocar ao mesmo tempo, como fazer? Esses aí eles devem entrar para uma questão dos nossos interesses, para a nossa realidade, sempre essa apropriação? Aí eu voto sempre, Octavio Ianni e Florestan Fernandes, para dizer: para quem você está trabalhando? Onde e para quem você está trabalhando? Para quem você está estudando? Então eu acho que a gente se encontrou nisso de querer fazer pesquisas para a própria região, mas isso daí é algo que tem que ser renovado, ou trabalhado permanentemente, porque senão... Eu continuo, de fato, pensando como representante para oferecer bolsas. Sejam sanduíche, ou seja de qualquer

estágio, de pós-doutorado ou outros. Você pensa a América Latina tanto quanto tem que pensar, então para isso já é outra área, são outras coisas. Isso me diz bem, assim um pouco, e aí a gente vai continuar sempre falando o quê é que é hegemônico? O que não é hegemônico? Porque penso que é uma linha bastante forte, mas que não é hegemônica essa linha pelos estudos latino-americanos. Você pode falar, quando se fala de recepção todo mundo reconhece, a percepção dos estudos latino-americanos, mas é muito pouco. A todos os outros setores da área devia ser colocada essa importância da América Latina, situando-a muito mais no nosso horizonte, e isso depende de questões institucionais que você faz isso hoje, que está um ambiente muito propício para isso com convênios institucionais. Quem tem convênio aqui com a Universidade Nacional da Colômbia? Quem tem aqui com a Universidade de Guadalajara? Quem tem com a Sorbonne? Quem tem com Lion, entendeu? A coisa não vai naturalmente porque aí você percebe... Eu acho que a

ECA-USP é muito privilegiada nisso e aí a gente tem que dizer, o José Marques de Melo, a Intercom. Coloca-se aquilo que vai passar, refletir sobre a questão dos nossos objetos e também das referências, dos teóricos, e que para mim ainda são sempre poucos em relação ao que podia ser, mas...

Já que você falou da ECA, em termos institucionais a ECA-USP, em especial seu PPG em Comunicação, tem sido o berço, a casa e o campus da sua produção de pesquisa. Como qualificá-lo em termos do seu processo de transformação em uma pesquisadora de referência internacional?

Bom, quando eu entrei em Ciências Sociais, aliás, eu entrei na PUC também, que era paga, mas vim para USP não só por isso, mas porque o que todo mundo queria era entrar na USP, como hoje. Quer dizer, a Universidade já era pública e já era referência. Então o meu trajeto foi entrar pela FFLCH e chegar na ECA, onde eu encontrei o meu lugar, onde eu encontrei as coisas que eu queria pesquisar e isso foi, vamos dizer assim, uma

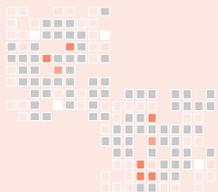


Eu me preocupava muito com aquilo que eu dava, tanto para aqueles alunos de Contabilidade quanto para quem estava fazendo Cinema, ou estavam fazendo Relações Públicas.

definição, uma escolha que realmente... Aquilo que alguém pode dizer assim: olha, seus princípios, entendeu, é dessa linha, vamos dizer assim, que eu vou, não que tenha sido nada fácil, não, mas eu fiz uma carreira aqui dentro, uma carreira de acadêmica. Logo que eu entrei - e era muito difícil -, eu logo ambicionava o regime de dedicação exclusiva, alguns anos eu tive dando aula aqui, aula em faculdade particular e mais ainda, aula aqui havia professor voluntário, quer dizer, sem ter vínculo trabalhista com a USP. Era de professor voluntário porque era permitido, era o professor assistente, mas você dava o curso inteiro e por muito tempo porque era a maneira de você estar dentro para depois, havendo um concurso, havendo necessidade de contratação. Então, aí a questão do departamento de Comunicações e Artes, quer dizer, na minha formação sempre me considerei, e todos me consideravam, que eu não era da Comunicação, como se dizia, porque ser da Comunicação era você ter feito Jornalismo, ter feito Relações Públicas, Publicidade. Mas eu tinha feito Ciências

Sociais e isso pesou bastante por muito tempo, no sentido que era alguém que vinha de fora e que não sabia da prática das coisas, do mercado. Mas isso não era apenas eu, mas também da maior parte dos colegas do CCA, e começou aquela história aqui dentro sobre o CCA em relação aos demais departamentos. Você sabe que até hoje eu acho isso interessantíssimo, mas foi uma época histórica; não sei, as pessoas que viveram com intensidade, um modelo que você estruturou, apesar de dizer “aqui foi berço”, mas eu acho que teve pessoas que sentiram muito essa dualidade teoria-prática e que até saíram daqui levando essa marca, porque a realidade da ECA era essa dicotomia; quer dizer, havia os departamentos profissionalizantes e havia o departamento dos conhecimentos básicos e gerais que era o CCA. Neste último você tinha gente de Letras, gente da História, gente da Antropologia, gente da Sociologia, que era para dar aquelas disciplinas do “tronco comum”. E isso aí eu não sei como é que está hoje, porque o mundo mostrou que essa dualidade, ou essa

dicotomia, se não tinha nada a ver na época hoje muito menos. Mas há uma história aqui de departamentalização, e até por causa disto eu insisti muito em conhecer as outras realidades acadêmicas, entendeu? Eu me preocupava muito com aquilo que eu dava, tanto para aqueles alunos de Contabilidade quanto para quem estava fazendo Cinema, ou estavam fazendo Relações Públicas. Como é que eu podia fazer entender que, aquilo que eu estava falando, era importante, fazia sentido para eles. Isso depois nas pesquisas sobre os estudantes egressos da ECA ficou claríssimo, que depois que saíam, os alunos tinham lembranças boas e os pontos positivos sobre os professores do CCA. Professores que tinham o cuidado da formação básica, mas isso é uma coisa complicada aqui nesta escola, continua sendo. Mas na Pós-Graduação comecei um trabalho que, sabe, eu fui primeiro representante discente na Pós-Graduação, comecei assim, e eu já era auxiliar, mas era representante discente, mas eu acho que foi um pouco essa história. Fiz carreira, eu acho que é uma carreira normal



Quer dizer, integração que eu quero dizer não é
uniformidade, mas esse trabalho coletivo,
de fazer um trabalho em equipe.

de alguém que se volta para fazer aquilo muito bem e coisas que eu acreditava. Eu acho que é aí, quando você começou a falar dizendo assim “não, mas como professora você entusiasma”. Meu entusiasmo vem, não vou falar “verdade”, mas por aquilo que eu acredito mesmo, das críticas e das coisas, mas nunca dizer que a verdade esteja comigo. Não, não é absolutamente! É assim como eu sinto, não posso expressar de outra maneira. Então porque a pesquisa se tornou realmente uma coisa muito importante na minha vida, eu não podia me ver fazendo alguma outra coisa e aí a coisa foi andando, participar de congressos, como é natural, que você vai, leva as comunicações, as produções já começam a circular e acho que tem sido isso.

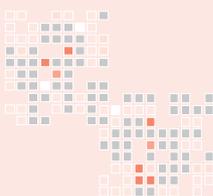
Na pesquisa, ter participado de vários projetos integrados de pesquisa de caráter multimetodológico tem sido uma expressão importante na sua trajetória. Que conjunto de significados poderia dar a essa experiência?

Bom, primeiro, de ter formado tanta gente boa que está por aí

(risos). Eu acho que isso é fundamental, porque entrar alguém assim, às vezes até no mestrado, às vezes até no doutorado, que nunca tinha trabalhado com metodologia e saía com tanto gosto que se torna professor de metodologia. Isso foi algo assim dos herdeiros, como dizia o Bourdieu. E essa formação de pessoas teve realmente na minha trajetória. Eu vinha fazendo trabalho de recepção quando houve uma oportunidade, também que foi uma oportunidade criada pelas circunstâncias, que depois disso vou atrás querendo reproduzi-la, mas não dá muito bem porque foi uma conjunção de fatores que eu, em respeito ao projeto chamado *Projeto*, coordenado pela Maria Aparecida Baccega, aqui, dentro deste departamento, fazer um trabalho com telenovela, que já havia o núcleo, e então, naquele projeto havia um grupo interdisciplinar com os meus orientandos, os orientandos também das outras professoras doutoras, e temos tido uma experiência de pesquisa realmente muito reveladora, uma aprendizagem para todas, uma troca, não tinha quem

mandava, era tudo uma grande descoberta pelo prazer de estar fazendo aquilo.

Até quem entrou como bolsista, fazendo alguma coisa, não esqueceu até hoje. Mas de tudo, realmente, eu acho que ali também me encontrei em termos da importância de se fazer um trabalho integrado, um trabalho coletivo. Eu já tinha isso, quer dizer, também por ter sido diretora da Intercom, trabalhei numa coisa institucional por comunidade, pela comunidade acadêmica. Isso também na pesquisa e hoje, cada vez mais, os grupos de pesquisa estão aí, na sua grande efervescência e que precisam, portanto, de ter toda uma atividade interna, uma integração teórica, metodológica. Quer dizer, integração que eu quero dizer não é uniformidade, mas esse trabalho coletivo, de fazer um trabalho em equipe. Já deu muito certo naquela época, que a partir daquilo deu muitos resultados, muitos desdobramentos, tanto profissionais, como teóricos, como metodológicos, com as pessoas que ali estavam e até hoje estão. Aí, com este trabalho, eu descobri



Eu percebi que aqui no Brasil, isso foi no começo dos anos 2000, que dava pra fazer uma coisa internacional, que era mais interessante.

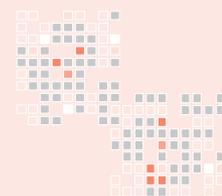
a telenovela porque eu ainda não tinha mexido com esse produto, só trabalhos de recepção, de modo geral, pensar teoricamente recepção, mediações etc., mas aí eu cheguei na telenovela e quando hoje eu falo que eu tenho duas grandes áreas de interesse, que é a epistemologia e a telenovela, as pessoas, não sei se, primeiro, elas me entenderam direito – epistemologia e telenovela, o quê que tem a ver? –, mas elas ficam admiradas porque “como é que pode?”. Primeiro eu digo que eu não tenho um só objeto de pesquisa e de fato essa coisa que continua, essa grande entusiasmo e interesse pela pesquisa, e o outro com esse objeto popular que é a telenovela, esse produto cultural que é a telenovela.

Interessante, porque daí você já chega a outro ponto de interesse nosso, nessa trajetória da telenovela que é o OBITEL. Você tem estado bastante voltada a ele, atuante nesse núcleo de pesquisa que é uma experiência singular de articulação na América e Europa, com pesquisadores. Quais os significados dessa atuação em termos

da sua maturidade investigativa?

Importantíssimo. Primeiro porque isto começou até com um desafio feito pelo próprio Jesús Martín-Barbero de fazer uma convocação, e ele fez mesmo essa convocação, de se estudar a telenovela na América Latina como fazendo dela um objeto que melhor expressava a nossa história, a nossa identidade, o nosso modo de ser como está em *Dos meios às mediações* e esse chamamento, que também nós fizemos, esse trabalho de *Vivendo com a telenovela* e tinha desdobramentos, mas aí eu resolvi e como foi isso, também por esses contatos internacionais eu descobri o Observatório da Ficção Televisiva na Europa. Então, meu pós-doutorado foi sobre isso, de ver como é que era essa metodologia, essa logística, e como é que trabalhando exatamente com aqueles produtos televisivos narrativos, de histórias narradas na televisão. E, a ideia era fazer um observatório e aí a coisa era importante que era que continuasse em grupo, só que num outro patamar, não era apenas um grupo, era grupo de

grupos, mas eu queria fazer um observatório nacional, um observatório brasileiro, mas não deu, naquele momento eu percebi que a coisa veio muito mais porque também isso que eu vi lá na Europa, porque havia observatório nacional na Itália, conduzida pela professora Milly Buonanno que fazia sobre a ficção italiana e ela também dirigia o *Euro Fiction*, que era um observatório europeu com cinco países da Europa que se interessavam por esse tipo de produção, para inclusive fazer frente, muito semelhante ao nosso problema, à produção norte-americana na Europa. Então havia um trabalho, inclusive, financiado pela agência de audiovisual europeia, mas nada que eu quisesse dar esse sentido. Eu percebi que aqui no Brasil, isso foi no começo dos anos 2000, que dava pra fazer uma coisa internacional, que era mais interessante. Aí eu comecei a pensar nessas pessoas que estavam em diversos países que podiam ser reunidas e aí foi a origem do OBITEL, que foi em 2005 que ele foi efetivamente fundado e com ele um trabalho assim de meto-



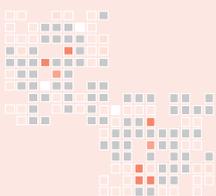
E, de fato, em 2009, a gente já saiu com o primeiro livro, fruto da reunião de equipes de investigadores nacionais que estão em diversas universidades do país.

dologia fundamental. Por isso que eu falei, o que é um observatório? Para mim um observatório é um programa metodológico, de como, envolvendo a logística e tudo aquilo que hoje em dia poder ser feito por internet, pode ser feito por plataformas, mas fundamentalmente, quer dizer, como ter um protocolo com o que a gente vai fazer, como observar dados primários e secundários e não era mais estudo de caso. Isso tinha uma coisa assim, não vamos além muito daquela coisa dos estudos de casos e programas e coisas muito de como estavam os estudos culturais ingleses, não é? Então vamos para rua, vamos trabalhar com estatística, trabalhar com macrotendências e daí começou a dar certo. Inclusive, pelas pessoas, por entenderem também a importância, aí que fica porque para todo mundo, cada vez mais é a descoberta da importância que tem essas narrativas em todos esses países. A telenovela é um formato, a gente vai falar de série, minissérie, os tais dos episódios dos capítulos, mas é essa presença constante de uma produção na-

cional e aí, é que no andar disso, isso foi em 2005, mas 2007 eu já estava pensando em retomar a ideia de um grupo nacional, por isso chamar de OBITEL, OBITEL Nacional ou OBITEL Brasil. E, de fato, em 2009, a gente já saiu com o primeiro livro, fruto da reunião de equipes de investigadores nacionais que estão em diversas universidades do país. E, inclusive, neste ano de 2012 estão entrando mais dois e está integrando o Peru no OBITEL, quer dizer, fazendo esse trabalho realmente bem sucedido. Isso é uma realização porque em tanto tempo, nós fizemos sete anos o OBITEL Nacional e produzimos cinco anuários, quer dizer, a partir do momento que a gente começou a gente tem uma coisa fantástica. E, dentro disso, tem outra questão fundamental que é dos apoios pra fazer um projeto como esse. Primeiro, apoios são os das agências de fomento, isso andou muito, porque as agências de fomento fazerem, apostarem em pesquisa com telenovela foi uma conquista e isso daqui a gente sabe muito bem que teve todo o trabalho de pesquisa

de telenovela de 1992. Outro dia nós estávamos aqui fazendo exatamente, está fazendo 20 anos e a gente rememorou num evento que a gente teve aqui na Escola. Estiveram o professor José Marques de Melo, que foi o criador, e também a professora Maria Aparecida Baccega, que também foi coordenadora deste núcleo, e... Eu quero dizer o que, a parceria com o Ibope e a parceria com a Globo Universidade – o GU, que é uma divisão da TV Globo, e que realmente entenderam, tanto um como o outro, porque a gente não tem dinheiro, nem coisa assim, de dar apoio às publicações. Isso se dá pelos dados que o Ibope dá, mas também nós com o trabalho de monitoramento, que vai além desses dados do Ibope, mas eu acho que isso é fundamental para gente trabalhar. A gente recebe com muita importância a todos esses países que têm um instituto de pesquisa de audiência e o Ibope está na maior parte deles.

Em toda a América Latina o Ibope está presente. É a nossa grande empresa de pesquisa multinacional. Portanto, não é apenas



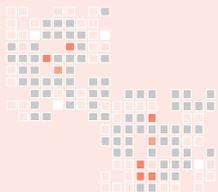
Penso que tem a ver com isso, quanto mais você vive, tanto mais você tem consciência da sua fragilidade, e coloca as coisas mais nos seus devidos lugares.

Nielsen, nos EUA e em Portugal e Espanha. E o GU de ter entendido a importância deste trabalho, apoiando as publicações e também os seminários, onde a gente faz a divulgação do anuário. Quer dizer, foi a cooperação público e privado, ou seja, universidade e mercado, universidade e empresa. Eu acho que este projeto também mostra como que isso pode ser. Uma participação conjunta com respeito, admiração, porque não se trata de jogar, pelo contrário, é verificar o valor que tem essa narrativa que está ganhando prêmios da cultura brasileira. Esses anuários estão cada vez mais sendo lidos por profissionais, então a gente não esquece nesses seminários e eu vou ver desde atores e também os profissionais mesmo os que trabalham hoje com programas de *transmídia*. Acompanha-se também as redes sociais e as suas narrativas. Então tudo isso, hoje é recepção. Nota-se o que era aquela coisa que começou de rádio e que vem agora até a recepção *transmídia*.

Embora você seja reconhecida principalmente como pesquisadora, já fez muitas outras coisas, entre elas coordenações de entidades acadêmicas, a atuação em comissões universitárias ou em prol da área da Comunicação em agências de fomento. Além disso, você tem uma vida pessoal que exige tarefas. É possível dizer que um aspecto crucial de sua espiritualidade é a força? Comente esse aspecto, aparentemente, marcante da sua personalidade.

Bom, eu acho que isso tem a ver com os caminhos da minha vida, aquela coisa de uma vida que é resistência de um indivíduo, de uma pessoa específica, e que não se repete. Portanto, é o viver dessa pessoa, de todos esses planos, vamos dizer assim, de ser mulher, professora, pesquisadora, de ser mãe, de ser esposa e, enfim, metida em 1001 coisas. O que eu posso dizer, falando assim genericamente, é maturidade. Penso que tem a ver com isso, quanto mais você vive, tanto mais você tem consciência da sua fragilidade, e coloca as coisas mais nos seus devidos lugares, ou que as coisas não são

tão assim. Quer dizer, a questão da humildade, mas eu acho que coisas assim da vida pessoal, de ter se projetado no fazer profissional. Então, eu me senti, ao longo da vida, mas também tem a ver, sem dúvida alguma, com a minha vida pessoal. Mas assim é com todos os problemas, questões ocorridas, mas eu acho que também uma maneira das coisas que eu fui pesquisando, que eu podia dizer assim, me tornar mais humana, e nessa coisa... esses trabalhos também muito coletivos de precisar muito das pessoas, sentir a necessidade das pessoas e também de aumentar mais o grau de entrega. Eu acho que sim, eu me senti mais compreensiva, eu já fui muito mais, e acho que isso também em termos até, vamos dizer assim, cognitivos, em termos de cabeça mesmo. Em termos de comportamentos, mais dura, muito mais longe das pessoas, afastada, tentando manter distância, isso eu acho que ao longo da minha vida, essas barreiras, essas coisas foram caindo. Foi mesmo por aprender, como a gente diz, um processo de aprender na vida, mas eu me sinto



Continuo achando que é fundamental conhecer
a história da pesquisa em comunicação, seja no Brasil,
ou de um modo geral das escolas.

sim. Às vezes eu fico pensando, em termos, eu ainda sou temida, ainda, “ai que medo” (risos), quer dizer achando que todo mundo já, perdeu medo do vigor da Immacolata, ou da maneira rígida, dura. Mas, ao contrário, eu acho que eu não mostrava muito essa faceta de afetuosa, carinhosa mesmo, assim, com funcionário eu sempre fui. Então, eu me sinto realmente sim, mais humana, mais espiritualizada, eu acho isso muito bom, sabe? Porque senão você entra numa coisa muito árida de você trabalhar muito com a razão, trabalhar muito com coisas, enfim, racionais. Quer dizer, você pode ir mais por esse ângulo da subjetividade, eu acho que hoje até proponho que essa subjetividade do pesquisador, da pessoa, que ela venha, seja tratada, mas é que ela deve ter um lugar.

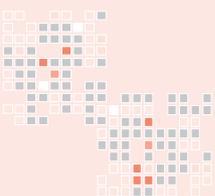
Eu acho que isso daí tem a ver com a próxima questão: “Liberdade e determinismo, é a eterna batalha que se manifesta ao longo de todo o processo de pesquisa”. Essa é uma frase sua, que você diz no seu memorial. Atualmente, a pesquisa em Comunicação precisa do que mais, de cada uma dessas

noções (a liberdade, o determinismo?). Em outras palavras, para as pesquisadoras e pesquisadores reconstruírem a pesquisa em Comunicação no Brasil e na América Latina, o que assinalaria como essencial para fortalecer e qualificar os seus trabalhos?

Pois é, porque quando eu falo aí de determinismo seria muito mais a questão da história propriamente. Continuo achando que é fundamental conhecer a história da pesquisa em comunicação, seja no Brasil, ou de um modo geral das escolas, daquilo que marcou, daquilo que influenciou, aquilo propriamente diz a “história do campo”. O que é que nós somos? Faz parte dessa atividade, mesmo eu não tendo vivido, mas estão aí. Em toda ciência há a questão da tradição, a questão do que veio antes porque senão não teria chegado a... Então, eu acho que a consciência disso não vem da comunicação, nem da pesquisa, mas do que se vive hoje, a contemporaneidade, é muito a valorização do presente, o que está emergindo tem muito pouca importância em relação ao que vem junto com isso, tanto que muita coisa é dada

como nova quando não é. Eu fico entre essas coisas de achar que nunca, quer dizer, pelo menos na minha vida, na minha trajetória, um cenário como o de hoje que dá muita margem para a criatividade, para a imaginação, para você captar certas coisas, nunca o trabalho da percepção, dos *insights* que você tem, nunca como hoje têm sido tão importantes.

Aí por causa desse ritmo alucinante, das mudanças da vida, do tempo e do espaço, como a gente diz. E da efemeridade das coisas, mas tomar um pouco de cuidado com isso em ciência, porque às vezes a gente acha que pode ser traduzido imediatamente para o campo científico. Eu gosto de falar propriamente sobre esse assunto e a coisa da permanência que entra e não é harmoniosa, é conflito mesmo. Inclusive contradições com o novo, com o risco que surge, com outros modos de ver, de trabalhar etc. E isso, sem dúvida alguma, é fascinante. Eu realmente não entro nessa assim, numa... seduzida pelo canto da sereia em todos os lugares, não é nem uma só. Mas então, um trabalho qualificado, como você disse, deve dar



Porque é aquela coisa muito da fascinação,
por algo que não pode ser mantido dessa maneira.

importância às duas coisas. Eu acho que é exatamente, porque sabe da história, você trabalha certos autores que são de referência é que você pode se projetar, colocar para frente, é isso que eu estou falando, quer dizer, a liberdade no sentido de não apenas reproduzir, mas você vai dar aquilo, que você pode chamar, que é a inovação, a contribuição, mas eu acho essas realmente precisam ser mudadas, que teoricamente são bonitas de falar mas, assim na prática, no dia-a-dia de um trabalho é muito conflituoso. Já para você, imagina trabalhar também em grupo e você pode então imaginar como é que pode se trabalhar assim um pouco, olha, cautela com isto, olha, vai lá procurar, olha... Porque é aquela coisa muito da fascinação, por algo que não pode ser mantido dessa maneira. Então é isso, um pouco o conservadorismo, ao mesmo tempo, você está na coisa mais, saber mais, olha, o que é que tem isso, tem aquilo, eu tenho muito pouco tempo, eu queria ter muito mais tempo para estudar, mas é fácil, eu fico baixando coisas e coisas tudo para ler, arquivos para ler, você não imagina (risos).

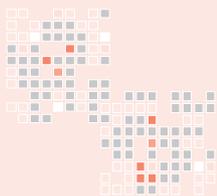
Então, dentre esses arquivos, dentre também os projetos relevantes de pesquisa que você fez, o que destacaria na sua visão epistemológica desse seu momento atual de reflexão? Em outras palavras, nas suas pastinhas está escrito o quê?

Uma que é *webmétodos* (risos). Não, mas dessa coisa assim é interessante, vou te dizer um pouco o nome delas: uma é *epistemologia*, das coisas que eu amarro, assim, desde coisas que eu, por exemplo, estava lendo agora uma coisa, que eu tive de parar, porque era uma coisa muito interessante a respeito do Bourdieu, *Por uma crítica da ciência da comunicação*. Então, um francês lá fazendo uma leitura muito interessante, todas essas provocações desses autores que me interessam. Mas então, uma pastinha é *epistemologia*, outra é *webmétodos*, outra é América Latina – interessante isso, essa pergunta foi bem interessante mesmo – aí entram aquelas coisas assim mais específicas que são *narrativas televisivas*, *transmídia*, e eu tenho uma de *estudos de recepção*, e várias outras coisas mais: CAPES, CNPq, PPGCOM, essas coisas são

todas as pastas, mas depois tem subpastas, e, claro, muita coisa de OBITEL, mas assim, em termos realmente de temáticas tem assim: uma é *epistemologia*, eu tenho outra que é orientandos (as orientações, aulas)...

E dentro de epistemologia, o que você tem, o que você considera importante discutir hoje no campo da comunicação?

Ah, então vamos fazer uma outra entrevista. Olha, um pouco o último trabalho assim mais recente que eu escrevi sobre isso era uma coisa que tem a ver como sempre da epistemologia que você leva para o trabalho de campo, mas continuam aqueles pontos importantes da reflexão sobre a sua relação com o objeto e que isto nos aproxima das outras ciências, quer dizer, que objetos são esses e o que é o sujeito, aí vem aquela questão da discussão muito do sujeito, da relação que ele tem com o objeto e, portanto, como é que se coloca a questão da objetividade, depois aí entram as coisas dos métodos etc. E a outra coisa que me chama muito a atenção é que a gente tem que focar, sem dúvida



E, ao colocar que há um ponto de vista comunicacional, você pode encontrar em qualquer coisa, porque esta vai ser a questão da interdisciplinaridade.

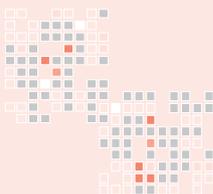
alguma, a questão da transdisciplinaridade, que não pode ficar um conceito vazio. Todo mundo trabalha isso hoje na ciência, mas eu acho que a comunicação é uma dessas ciências que nasce transdisciplinar. Enquanto que para os outros o assunto é “vamos fazer um programa interdisciplinar ou transdisciplinar”. Mas quando você fala de uma natureza mesmo, daquela delimitação, e que a gente achava que era negativo, que era um déficit nós sermos a encruzilhada. Eu acho que hoje não, pelo contrário, essa encruzilhada é que eu acho que germinam aí coisas, eu considero a comunicação realmente um laboratório e, portanto, nessa questão, por exemplo, da dispersão dos objetos, olha você sabe que para mim, eu resolvi isso. E, ao colocar que há um ponto de vista comunicacional, você pode encontrar em qualquer coisa, porque esta vai ser a questão da interdisciplinaridade. Você pode colocar um ponto de vista numa coisa que é história, imediatamente você vai ter que fazer a mescla, a fusão, com conhecimentos que estão aí e, não apenas de reprodução, mas eu

quero dizer que não é apenas o diálogo com a história, por exemplo, aí, mas é que tem muita coisa que pode te abrir, daqui a pouco ter até uma nova lógica, uma nova problemática. Pode ser que nessa coisa assim de repente, depende muito do projeto, mas eu acho que é exatamente essa possibilidade de fazer a coisa, os caminhos transversais e que não é qualquer um que possa, mas é muito difícil você no âmbito das ciências, ela tem andado, hein, tem andado, das chamadas ciências disciplinares, mas eu não sei se ainda hoje pode-se falar de ciência disciplinar, em todas elas, em qualquer instância que você está ela já, de alguma maneira, está trabalhando com coisas de outra frente, seja com método, seja com... Então, eu acho que a História da Ciência tem que ser colocada, cada vez mais eu acho que o Bourdieu me ajudou muito quando falou que a epistemologia não é uma coisa relativa apenas ao conhecimento, mas ao contexto que faz esse conhecimento, que a sociologia da ciência ou do conhecimento é, vamos dizer assim, não é apenas um recurso, mas é inato você falar

da epistemologia, entendeu? Então por isso aí você abre pra história, você abre para outras coisas que você tem aí andando, não é? Então eu acho que essa questão do interno, do externo, como eu coloco, quer dizer, essa relação das coisas do tempo lógico, de um rigor, da função de uma hipótese etc. Com o tempo histórico da ciência. Isso ainda continua me ajudando muito a pensar e talvez por isso que eu continue insistindo e fundamentando as questões das narrativas ficcionais da televisão.

O campo de pesquisa em comunicação no Brasil tem em Immacolata Lopes uma batalhadora sistemática e incansável pelo seu fortalecimento, qualificação e renovação. Que aspectos têm sido mais gratificantes nessa caminhada? O que você faria de outros modos?

Ah, é muito difícil, o quê que eu faria de outros modos... Olha, é tão prazeroso, quer dizer, eu tive muitos problemas na vida, de todas as ordens, coisas assim que realmente eu tenho que aprender a tirar seiva de alguma coisa para fortalecer ou fertilizar outra, quer



Eu acho que seria isso, me ver através do que eu publiquei porque o que eu não publiquei fica na vontade.

dizer, eu me vejo numa batalha permanente, mas pensar de ter feito de outra maneira... Eu acho que não, eu penso que é mais me afirmar no que eu sou hoje e, afirmar o que eu sou hoje, é dar importância a todo esse trajeto. Eu posso, evidentemente, não quer dizer que a Immacolata não tenha feito erros, alguma coisa que tenha me desviado nada, eu podia na hora achar que era um desvio, mas sabe, com o tempo você vai achando que as coisas se encaixaram.

Então vou colocar de outro modo: como você definiria esse percurso, o que você sente sobre o que você construiu?

Primeiro, o percurso que você está falando é o percurso intelectual?

Sim, intelectual.

Sim, eu acho que eu consegui dar uma identidade, fazer um nome, uma autoria. Há algumas propostas que são principalmente de ordem teórica e metodológica. Eu acho que seria isso, me ver através do que eu publiquei porque o que eu não publiquei fica na vontade, como, por exem-

plo, de dar mais importância às questões... Esse livro de pesquisa eu queria fazer o segundo, o terceiro etc. Talvez quando eu me aposente eu tenha mais tempo de continuar fazendo trabalhos, mas que atualmente eu estou muito tomada pelo OBITEL e apostando nisso. Então eu acho que essa trajetória é uma trajetória que, claro, vendo-a, como sempre a gente fala, é um olhar de uma coisa passada e aparar as arestas, dando muito sentido a coisas que podem não ter sentido, quer dizer, uma tendência a fazer uma coisa como se fosse algo que se completasse etc. Mas talvez seja como eu me sinto hoje, no momento em que eu estou que um pouco desse, mas o entusiasmo eu não perdi, eu acho que essa é uma coisa que faz parte do temperamento também, e a partir de um momento eu acho que eu aprendi a extravasar, alguma coisa que eu sempre gostei do que eu estava fazendo, mesmo quando dizendo assim: olha, está muito difícil, tentar fazer alguma coisa, eu tentei fazer outras coisas, mas eu voltei a retomar porque era o quê? Basicamente era

de dar aula, ser docente e estudar e pesquisar.

A última pergunta, só mais uma, falamos de livros publicados, de pesquisas, mas e os livros lidos? Você poderia citar duas, três obras que marcaram a sua trajetória como pesquisadora de uma maneira firme?

Dois ou três... O primeiro é *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*, aqui você vai encontrar muito no trabalho do Florestan Fernandes, e aquilo é uma coisa muito particular, mas é um clássico para mim, quer dizer, da formação de pesquisadora etc. E outro é *O ofício de sociólogo*, do Bourdieu. E o outro é *Dos meios às mediações*, do Jesús Martín-Barbero. Indo mais para os clássicos, de fato, eu colocaria, sem dúvida alguma, o Gramsci, em termos de trabalhos que eu fui recortando. Penso que está bem, acho que é bom colocar alguma coisa de um italiano, aí (risos), filósofo, que eu me identifico profundamente, tanto em termos de obra quanto em termos de vida, até que a gente saiu da mesma região.

